Capítulo 1

A noite passada sonhei que estava grávida.

Tinham de operar, de cortar, porque as asas do bebé estavam ligadas às minhas entranhas.

O bebé não podia nascer, continuava dentro de mim, as asas ligadas à minha carne.

Abri os olhos para a penumbra do quarto. Um pouco de luz azulada infiltrava-se pela vidraça. À minha frente o espelho reflectia a cama, uma imagem esbatida, aquática.

Pousei a mão no ventre liso, mas tudo o que senti foi a pulsação do meu corpo, da casa de pedra; o escuro tocado pela claridade do amanhecer, os quadros de Tom criando passagens nas paredes, os livros, os pássaros que fazem ninho nas telhas, nas janelas que nunca são abertas.

Tom dormia ainda. Os ombros nus, a nuca, o cabelo castanho com alguns fios brancos. Ele.

De olhos fechados mordi o seu ombro, duas vezes, depois puxei o lençol e o cobertor para cima. Ele moveu-se ligeiramente, murmurou qualquer coisa. Talvez estivesse a sonhar. No seu quarto não temos uma teia de sonhos e estamos vulneráveis durante a noite, aos anjos e aos coiotes, aos monstros marinhos e às serpentes (por vezes ele sonha com os espaços

vazios do princípio, quando não havia nada, o que deve ser assustador).

A lareira continuava acesa mas fazia frio no quarto.

Lá fora, no jardim, nos campos, nas árvores, ainda havia neve. Mas algumas florinhas azuis e brancas tinham começado a surgir entre as rochas, nos cantos mais protegidos. Na véspera colhera quatro ou cinco e pusera-as no cabelo, gosto de flores no cabelo.

No entanto, as primeiras flores são um sinal do fim do Inverno, do princípio da Primavera. E de tudo o que isso implica para mim.

São o primeiro sinal. O primeiro sobressalto. Porque aqui quase não tenho noção do tempo. E no entanto descobri o sentido da palavra, tempo.

Levantei-me, tomei um duche quente, enxuguei-me com uma das suas toalhas, azul-forte. Na minha pele ficou o perfume a ervas do gel de banho, o perfume que se mistura com o cheiro dele. Um cheiro de animal, de floresta, que tenho entranhado no corpo.

Vesti uns *jeans*, calcei as botas de couro e procurei no armário uma das suas camisolas: uma verde, macia, que me fica demasiado grande.

Ao chegar cá no Outono, ainda não está muito frio. É depois que tenho de vestir as suas camisolas, os seus casacos.

Sobre a cómoda está uma caixinha russa, de madeira pintada, onde guardo as jóias. Ele gosta de ver-me com jóias. Ainda ontem mo disse, enquanto me tirava delicadamente as flores do cabelo: «gosto de ver-te com jóias, deixa as flores para depois...» E só nós dois sabemos como é terrível esse depois. Colocou as flores na secretária do estúdio e por momentos os seus dedos longos desenharam com elas, tudo lhe serve para desenhar, as flores, as pedras, mesmo os beijos no meu corpo desenharam algo, escrevem algo...

— Meu amor — disse baixinho.

Escolhi uns brincos de jade, longos e pesados, alguns colares de prata escurecida. Em criança usava duas estrelinhas de ouro nas orelhas, um fio estreito, que eram como partes do meu corpo, mas depois tirei-os definitivamente. Prefiro a prata e as pedras semipreciosas: o coral, o jade, a ágata, a ametista, a turquesa, o lápis-lazúli, a pedra da lua.

Com gestos precisos passei um pouco de *bâton* nos lábios, afastei as madeixas castanhas que me caíam sobre a face e prendi-as na nuca, deixando o resto do cabelo solto.

Detive-me no umbral para olhar uma vez mais o rosto dele, adormecido. Senti que algo maior do que eu me enchia o peito e tive de fugir do quarto, precipitei-me pelas escadas abaixo. As botas ecoaram nos degraus de madeira.

Quando entrei na cozinha, Lisa estava de costas junto ao fogão. Permaneceu imóvel por instantes mas depois voltou-se e fitou-me com os seus olhos frios. Como de costume não trocámos palavra, limitei-me a cumprimentá-la com um leve movimento de cabeça a que ela não correspondeu. Não é como se fingisse ignorar-me, pelo contrário, faz-me sentir a sua presença de uma forma sufocante, nunca me deixa esquecer que está ali. No princípio eu sentia-me quase uma intrusa.

É uma mulher de uns cinquenta anos, magra e invariavelmente vestida de negro. Usa os cabelos grisalhos presos na nuca e continua a ser muito bela, os olhos escuros em que não se distinguem as pupilas, as maçãs do rosto salientes.

Quando cheguei aqui tomei-a por uma simples governanta, embora a sua forma de olhar, de mover-se, de subir ou descer as escadas dessem mais a impressão de ser a dona da casa. Ou o fantasma de uma dona da casa morta há muitos anos. Só mais tarde soube do lugar que tivera em tempos na vida de Tom, e perguntei a mim mesma porque continuara a viver com ele. Mas prefiro não procurar a resposta.

Enchi uma chávena de café, cortei uma grossa fatia de pão caseiro (que Lisa faz no amplo forno da cozinha), uma fatia

de queijo *Cheddar* (um dos poucos luxos de Tom, gosta de bom vinho e de bom queijo).

Como sempre, tomei o pequeno-almoço junto à janela, empoleirada numa mesa alta. Há um móbil dependurado do lado exterior, pequenas campainhas de latão, um tanto enferrujadas. Só quando está mesmo muito vento deixa escapar uma música suave, passa o tempo quase todo silencioso e imóvel, por vezes agito-o com mão impaciente para o fazer tocar... (os que estão no alpendre do estúdio são mais leves, têm uma relação com os astros, um pouco de vento fá-los tocar longas, sonhadoras melodias, que não rompem o silêncio mas o tornam mais fundo). Lá fora, as árvores do jardim, sem folhas, os arbustos nos canteiros, alguma neve. A janela estava aberta e o ar frio enregelava-me o rosto, o café quente sabia melhor do que nunca.

Dei por mim a cantar baixinho, e calei-me bruscamente, porque não queria que Lisa me ouvisse.

Saltei da mesa, deixando cair as migalhas no chão, pousei a chávena no lava-loiças.

Depois fui para o estúdio de Tom. Segui pelo carreiro de pedrinhas miúdas ladeado de arbustos (rododendros, que se cobrem de flores vermelhas antes da neve começar a cair), até a outra casa, uma réplica mais pequena, de madeira, inquietante na sua aparência. À volta crescem roseiras que trepam pelas paredes e escondem as vidraças.

Instintivamente olhei para trás, para me assegurar de que Lisa não me seguira; por vezes segue-me, e é uma das poucas coisas que detesto aqui, aqueles passos silenciosos na minha peugada. Uma vez, quando passeava pelo campo vi-a não muito longe e senti medo, percebi que mesmo que gritasse ninguém me ouviria... (sim, imaginei que Lisa queria matar-me...) mas ela afastou-se como se não me tivesse visto, e eu pensei que com quase vinte anos não se deve ter medo de bruxas más. Mas isso foi há muito tempo, quase no princípio,

quando ainda não me sentia segura neste lugar, quando ainda não tinha a certeza plena de que era amada.

Foi no tempo antes de ele me dizer: «Forçá-los-ei a ajoelhar-se aos teus pés e a reconhecer que eu te amei.»

O alpendre está coberto de galhos secos. São lilases que florescem na Primavera (ele disse-me que alguns têm flores brancas, eu nunca vi lilases brancos...). Empurrei a pesada porta de madeira. Como sempre tive a impressão de entrar num local sagrado, tranquilo ou assustador. Depende da luz e das sombras, e dos quadros que estão visíveis, e da sua presença, acima de tudo da sua presença.

Há telas encostadas às paredes, e algumas que se revelam, telas imensas, portas... Nos últimos anos as suas pinturas são enormes, e fundas, terrivelmente fundas.

Ele gosta de citar Mark Rothko, uma tela pequena é como um conto, uma tela grande é como um romance (um drama), e nós somos as personagens... e, embora ele continue a pintar os seus contos, é nos romances que sinto a sua alma toda, ou talvez algo muito mais fundo do que a alma. Por vezes penso que os contos são uma defesa, um pouco de luz antes das trevas, uma forma de conservar a sanidade mental. E tenho medo de que um dia os abandone definitivamente.

Num canto há uma velha mesa de carvalho, restaurada, e uma cadeira, um armário de madeira tosca com livros tão antigos que tenho receio de lhes tocar, e algumas maçãs esverdeadas que ele come de vez em quando, com os dedos ainda sujos, o olhar na tela em que está a trabalhar.

Foi no estúdio, enquanto pintava, que aprendi a amá-lo.

Mas essa é só uma maneira de contar a história.

Talvez o tenha amado no primeiro momento em que nos fi-támos à luz do dia (pressinto que já antes o vislumbrara em sonhos, o homem magro e solitário, sempre um pouco afastado dos outros), no momento em que os nossos olhos cinzentos, antigos, e espantosamente iguais, se encontraram.